

Marcílio: dificuldades com o Clube de Paris

O GLOBO

MOZART DE CARVALHO
Correspondente

14-8-91

PARIS — O Brasil poderá encontrar dificuldades nas negociações para o reescalonamento de sua dívida de US\$ 21 bilhões com os países do Clube de Paris. Pelo menos foi isso que declarou ontem o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira. Sem precisar com exatidão quais seriam essas dificuldades, ele fez questão de destacar, no entanto, que o Brasil poderá contar com o apoio da França nessas negociações, conforme prometeram os interlocutores franceses com quem se reuniu ontem.

Em entrevista coletiva na Embaixada do Brasil, o ministro preferiu não revelar o valor exato da parcela da dívida que o Brasil tentará reescalonar na reunião dos dias 24 e 25 com o Clube de Paris.

— Não seria gentil falarmos em valores antes de nos encontrarmos com nossos interlocutores ingleses e alemães, o que só faremos nos próximos dois dias — argumentou o ministro, acompanhado do diretor da Área Externa do Banco Central, Arminio Fraga, e do negociador oficial da dívida, Pedro Mallan.

Marcílio mostrou-se satisfeito, porém, com a garantia que obteve das autoridades francesas — ele encontrou-se com o ministro da Economia, Pierre Bérégovoy; com o presidente do Banco da França, Jacques de Larosière; com o diretor do Tesouro francês, Jean-Claude Trichet; e com o chefe da Divisão de Relações Exteriores do governo francês, Jacques des Pons — para a reabertura das linhas de crédito à



Marcílio: França apoiará o Brasil

exportação, bloqueadas desde o tempo da moratória, quando o Brasil parou de pagar tanto o serviço quanto as parcelas do principal da sua dívida.

A rápida passagem por Paris (a equipe brasileira chegou na segunda à noite e partiu para Londres hoje de manhã) deve ter dado novo ânimo ao ministro, pois como ele mesmo afirmou, “os franceses prometeram não só nos apoiar, na reunião do final desse mês, como nos ajudar a superar os obstáculos com os países que ainda se mostram reticentes a um acordo”.

Marcílio não admitiu, porém, que essas dificuldades seriam um resultado de um desacordo desses países com o fato de o Brasil ter pago aos bancos comerciais apenas uma parcela dos juros da dívida atrasados.